



IMPrensa
OFICIAL/ES

DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano V - nº 28

Vitória-ES

Julho de 2015

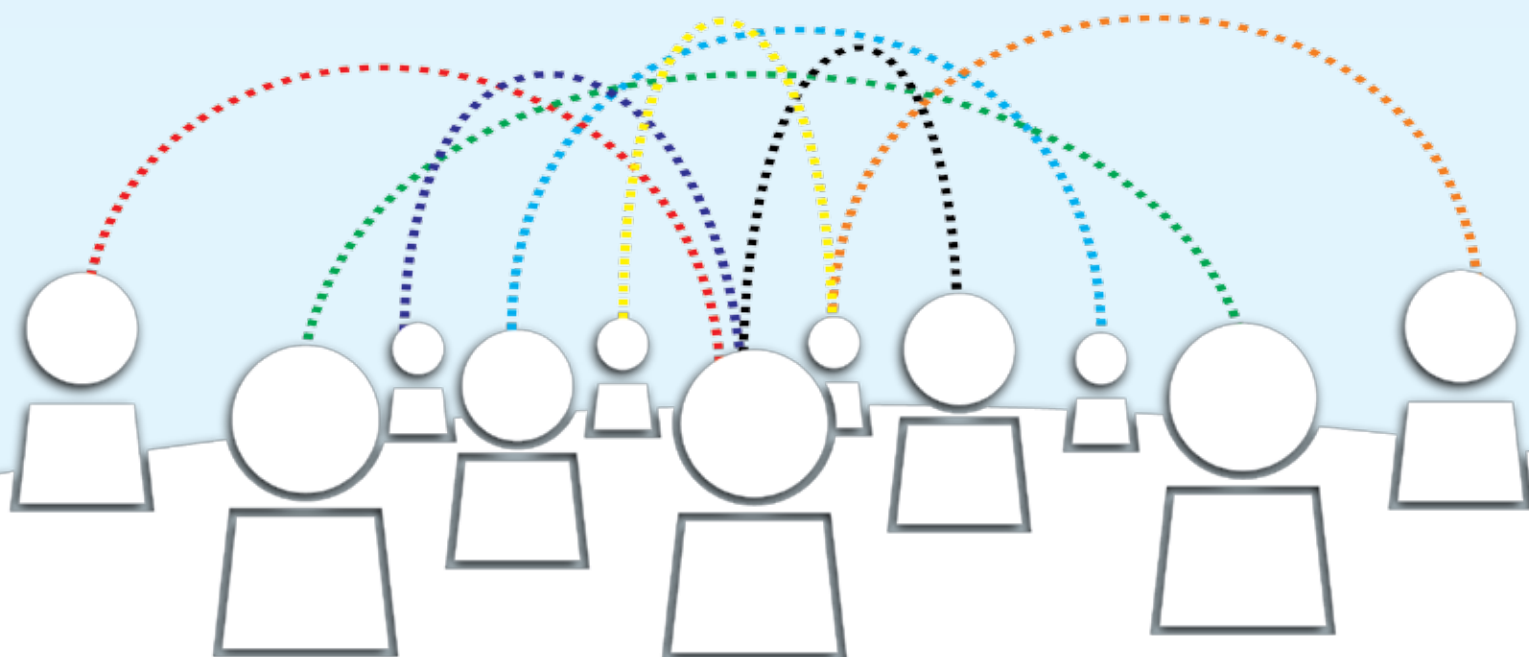
Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

O mundo na ponta dos dedos

Página 4



MEMÓRIA



Luiz Fernando *Tatagiba*

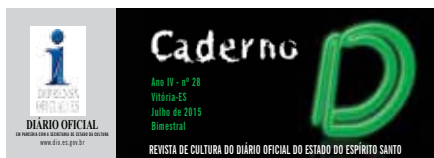


Rubinho Gomes
é jornalista

Perto da efeméride dos 70 anos de seu nascimento, que transcorrerá em 2016, o escritor, poeta e jornalista Luiz Fernando Valporto Tatagiba está próximo de receber um reconhecimento que poucos receberam no Espírito Santo, em homenagem aos seus 31 anos e nove meses de vida integralmente dedicados à literatura, sua maior paixão, pela qual dedicou-se com afinco à produção de uma obra que considero a mais heterogênea de minha geração. Digo heterogênea porque, assim como todos que sofremos as consequências dos anos de chumbo na vida nacional, Luiz Fernando Tatagiba avançava por todos os gêneros literários da expressão como o conto, a crônica, a poesia. O conto “A Vida Provisória” foi adaptado como roteiro para o cinema por Amylton de Almeida, e direção de Antonio Carlos Neves. O reconhecimento a que me refiro está na reedição de sua obra completa, em fase final de edição pela sua companheira de toda a vida, a jornalista e escritora Dalva Broedel, com quem teve os filhos Fernanda e Gabriel.

Convivi de perto com Tatagiba, fomos amigos de uma geração que incluía Freddy e Ewerton Montenegro Guimarães, Paulo Torre, Amylton de Almeida, Antonio Carlos Neves, para citar apenas alguns dos já falecidos e tive o privilégio de editar em A Tribuna e O Diário, principalmente, algumas de suas primeiras crônicas, com um estilo peculiar inconfundível. Lembro-me de quando o jornalista Claudio Bueno Rocha criou, a pedido do diretor Plínio Marchini, o Caderno T em A Tribuna, somente com temas culturais, e me recomendou que publicasse semanalmente os textos de Luiz Fernando Tatagiba, ao lado dos também estreantes Amylton de Almeida, Olival Mattos Peçanha, mesclados com veteranos como o poeta Xerxes Gusmão Neto, e a eterna musa Carmélia M. de Souza, a quem a genialidade permitia que escolhesse onde publicar suas crônicas.

Não foi surpresa para mim que Luiz Fernando fosse o vencedor do Concurso de Contos “Ângela Rachel Von Randow”, promovido pelo diretório acadêmico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Fafi), por dois anos seguidos, em 1968 e



GOVERNO DO ESTADO

PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES
Governador

CÉSAR ROBERTO COLNAGHI
Vice-Governador

DAYSE MARIA OSLEGHER LEMOS
Secretária de Gestão e Recursos Humanos

DIO

MIRIAN SCÁRDUA
Diretora-Presidente

SÉRGIO RICARDO DE OLIVEIRA EGITO
Diretor de Produção e Comercialização

GETÚLIO DARCY CURTY PIRES
Diretor Administrativo Financeiro

SECULT

JOÃO GUALBERTO M. VASCONCELOS
Secretário de Estado da Cultura

Produção de matérias

Dora Dalmasio

Revisão

Stephanie Oliveira

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

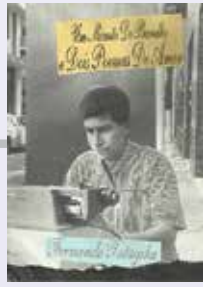
Jornalista responsável

Stephanie Oliveira ES 01658/JP

Impresso na Gráfica do DIO

Este Caderno pode ser acessado no site www.dio.es.gov.br





Rubinho Gomes
rubinhogom@gmail.com

revisitado

1969. Ângela Von Randow havia morrido em um acidente de carro e a escolha de seu nome para denominar o concurso foi uma homenagem dos colegas Domingos de Freitas, Regina Egito, dentre outros nomes que se revezavam no enfrentamento da ditadura com atividades culturais que eram realizadas paralelamente, aí incluídos os bailes na Fafi ou na Odontologia e, posteriormente, os festivais de Música Popular organizados por Milson Henriques e Marien Calixte.

Talvez por ironia do destino, o primeiro emprego de Luiz Fernando foi como datilógrafo do Instituto Médico Legal (IML), autarquia do Governo do Estado, onde até hoje se faz necropsia de cadáveres, em 1966, mas de alguma maneira a vivência nesse meio acabou contribuindo para a moldagem de alguns personagens de sua obra. Logo ele que, em seus escritos, já dissecava a alma das pessoas de todos os matizes e padrões sociais. Logo passou a colaborar com os jornais diários de Vitória e a colecionar prêmios em concursos literários dentro e fora do Espírito Santo, durante os anos 70 e 80.

Em 1981 e 1982, novamente a convite do jornalista Cláudio Bueno Rocha que conhecia como poucos quem escrevia bem no Estado, e também pelo fato de ter ensinado a muitos deles, Tatagiba foi crítico de literatura e redator da revista "Espírito Santo AGORA". E em 1982, publicou "A Invenção da Saudade", para muitos sua melhor obra. Mas não podem ser ignorados "A História do Cinema Capixaba" (lançamento póstumo de 1998); "Rua" (de 1986), seu primeiro lugar no Concurso de Contos da Fundação Cultural do Espírito Santo, em 1976; e sua presença em coletâneas como a antologia "Poetas do Espírito Santo", de 1973, além das revistas "Pensar", "Letra" (conto "Quarta-feira

de sempre" - 1985), Imã" (conto "Inquilinos do Vento - 1985), "Cuca - Cultura Capixaba" (reportagem "Os Bons Tempos da Voz de Canaã"), no mesmo ano.

Ele estava no grupo com Jairo de Britto e João Amorim Coutinho que lançou a revista literária "Sim" em 1975. Em 1977, o conto "A Companhia Segundo..." foi publicado na seção "Os Melhores Contos do Espírito Santo", na revista Ficção - n° 14. Na edição seguinte da publicação foi novamente selecionado. No mesmo ano, participou do livro "Queda de Braço - Uma Antologia do Conto Marginal", organizada por Glauco Mattoso e Nilto Maciel, no Rio de Janeiro, com o conto "Perplexidade".

O ano de 1980 foi especialmente produtivo para ele: publicação de "O Sol no Céu da Boca", pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida, inaugurando a coleção Letras Capixabas; conquistou o 1° lugar no concurso de contos "Rubem Braga", em Cachoeiro de Itapemirim; foi destaque na Folha de São Paulo como um dos melhores escritores do Brasil, ao lado de nomes como Jorge Amado, Sérgio Buarque de Holanda e Rubem Fonseca. Também o Jornal do Brasil, em reportagem no Caderno B, apontou o escritor capixaba como um dos destaques do ano na literatura brasileira.

Dentre os muitos motivos para recomendar a leitura da reedição da obra completa de Luiz Fernando Valporto Tatagiba está justamente a imperiosa necessidade de torná-lo mais conhecido em sua terra natal - nasceu em São José do Calçado, nas fraldas do Caparaó - do que fora daqui (Rio de Janeiro, São Paulo, Lisboa). É aguardar e saborear um dos textos mais pungentes e delicados produzidos no Espírito Santo. 🟢



CAPA

Nas tramas das *redes*

Com as mudanças trazidas pela tecnologia e o uso massivo de dispositivos digitais, muitas coisas deixaram de ser essenciais. Pelo smartphone, tablet ou computador doméstico você pode ouvir uma rádio; ler jornais e livros; comprar produtos e serviços interativos como jogos; fazer o download de um filme; rever amigos e conversar com pessoas enxergando-as, ainda que estejam do outro lado do mundo; efetuar transações bancárias e muito mais.

Com tanta facilidade e velocidade, formou-se um exército de pessoas que não vivem unplugged. Como diz Tom Chatfield, autor de livros sobre cultura digital: “Os telefones com conexão à internet são os primeiros objetos que tocamos ao acordar e os últimos que tocamos quando vamos dormir à noite.” Vivemos o chama-

do fear of missing out (medo de ficar por fora).

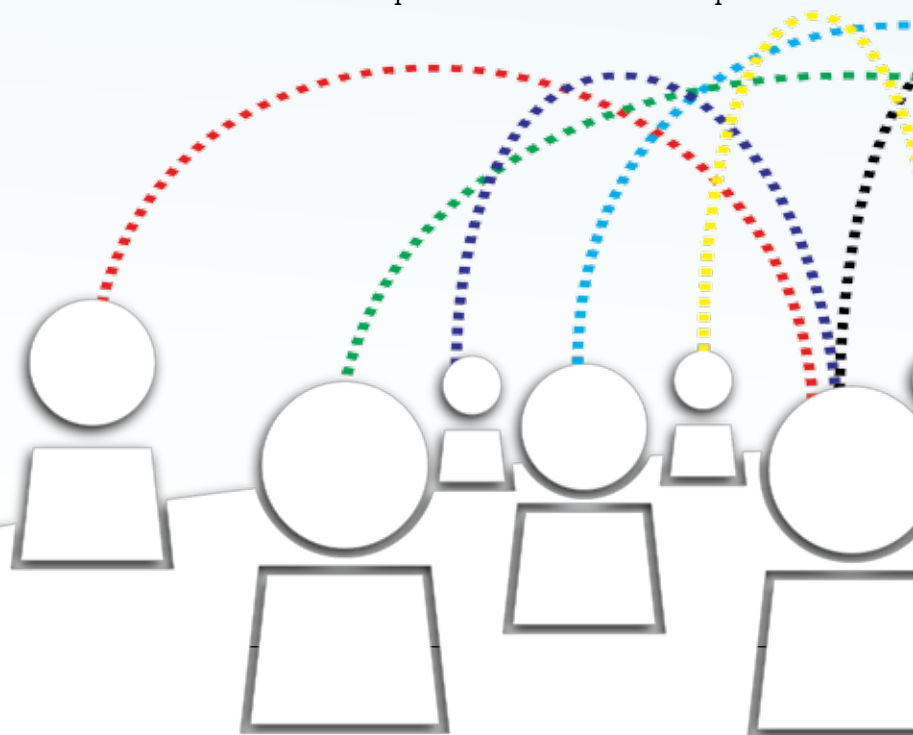
Ligado o tempo todo

O publicitário Diego Lemos, 30 anos, confessa ser viciado em redes sociais. Vive conectado de todas as formas e ligado o tempo todo. “Acredito que as informações, hoje, chegam primeiro às redes sociais. Elas são também ideais para network e contato com pessoas que estão perto ou distantes. Nesse ponto, a tecnologia contribui positivamente”, assinala.

Há quem não se contenha ao ouvir aquele barulhinho bom, às vezes “#sqn”, “plim” do WhatsApp, avisando a chegada de notificação. A pessoa corre para ver. E isso muitas vezes ao volante, o que é infração de trânsito; já quase pegando no sono reparador da noite ou acompanhando



Dora Dalmasio é jornalista



Dora Dalmasio

dalmasio.dora@gmail.com



Redes: também ideais para network e interação social

do em restaurante ou bar. No teatro ou cinema, então, é enervante.

Houve um tempo em que Diego parava tudo a fim de conferir uma mensagem que recebia. “Hoje doo melhor esse vício. Eu atendia mais por curiosidade e também para não deixar as pessoas sem resposta imediata. Mas se estou num bar com amigos, tento deixar o telefone distante para curtir o momento”, comenta.

Ele utiliza com mais frequência Twitter, Facebook e Instagram. No Twitter, segue 343 pessoas e é seguido por 187. Costuma retweetar pensamentos ou ocasiões que acha bacanas e que representam o que pensa sobre determinado assunto.

No Facebook, possui 800 “amigos”. “Vira e mexe faço uma ‘limpa’ nessa lista. Mas tenho uns 100, no máximo. São com esses que man-

tenho contato. Meio louco, né?”. Nessa rede, publica músicas de sua preferência ou compartilha notícias e fotos com as quais se identifica. No Instagram, posta fotos de seu cotidiano ou de eventos dos quais participa. Diego foge de discussões sobre religião, orientação sexual, política ou outro tema polêmico, pois “dá muita dor de cabeça e é muita gente chata junto.”

Interação

Ele resistiu. Mas os filhos, “nativos” da era digital, o convenceram. E, assim, o servidor público estadual Paulo Angelo, 61 anos, caiu nas redes, que acessa de seu iPhone ou do computador de casa. Como são ferramentas de trabalho, costuma usá-las também no serviço. “Elas fazem parte de nosso dia a dia”, frisa.



CAPA



Presença marcante nas redes: participa de dez grupos

É usuário do Facebook, Instagram e LinkedIn, além dos aplicativos WhatsApp, Messenger, FaceTime e Viber. Para ele, estar nas redes sociais digitais é modernidade e interatividade. “Elas oferecem uma série de benefícios: contatos pessoais; network; acessar bancos de maneira rápida e segura; divulgar atividades profissionais; e fazer compras, entre outros.”

É também pelas redes sociais que ele escolhe o show, peça de teatro ou filme a que irá assistir fazendo, também por elas, o pagamento de ingresso. Avalia que dedica às redes sociais, por dia, cerca de quatro horas. “Mas não seguidas”, emenda. Se acompanhado, só atende o celular em caso de resposta imediata. “Peço desculpas e falo da necessidade.”

Sua presença nas redes sociais é marcante. Participa de 10 grupos: dois de familiares; um de amigos de infância; três de confrarias; um de

degustadores de vinhos e três temporários.

Postar no Facebook o prato do almoço, emojis e animais dando bom dia (quem já viu animal dar bom dia?), por exemplo, não fazem parte de suas mensagens. “Publico fotos de aniversários de familiares e amigos; degustações de vinho das quais participo; e selfies com amigos.”

No item compartilhamento, ele fica com o que chama “Da Série Coragem de Expor”, cujo conteúdo são poesias de sua autoria, músicas e cenas de filmes a que assistiu e que considera antológicas.

Olhadinha na timeline

Ela só se desconecta no trabalho, na academia e quando está dormindo. “Fora isso, sempre dou uma olhadinha na timeline, pra saber o que está acontecendo.”

Com 1.870 “amigos” no Facebook – a maioria conhecidos, como cita –,

a assistente social Christiany Campos, 22 anos, não resiste a uma notificação. “Fico curiosa pra saber quem está falando, se os amigos estão marcando uma saída...”

Usa também o Instagram (onde é seguida por 700 pessoas) e acessa as redes mais pelo celular. “As redes sociais nos aproximam das pessoas que estão longe, facilitam a comunicação e também nos deixam atualizados quanto aos fatos”, afirma Christiany.

Em geral, seus posts são mensagens de reflexão e fotos com amigos. Pra ser sincera, diz, ela postava tudo o que fazia. Mas hoje prefere observar. Participa de grupos como o de EVS (Espaço Vida Saudável), amigos da faculdade, do trabalho, da igreja, família, academia, dança, melhores amigas e – acrescenta – “por aí vai...”.

Ética

Christiany cita que empresas, amigos, familiares, colegas, todos estão no Facebook. Por isso, enfa-



Postava tudo; hoje prefere observar mais

tiza, é preciso pensar sobre o que vamos publicar em nosso perfil. Entende que não se deve publicar tudo que a gente pensa ou faz.

“Temos que ter ética e responsabilidade, pois os colegas de trabalho e chefes estão observando suas publicações e, querendo ou não, temos que ter amor também. Uma coisa que você publica pode mudar o dia da pessoa”, diz.

Facilidades

A publicitária Aline Rodrigues Serpa, 31 anos, vive conectada. O smartphone “dorme” do seu lado e ela confere as novidades virtuais antes de sair para o trabalho, na hora do almoço e quando sai do serviço.

Os cliques das notificações a deixam ansiosa. Se está acompa-



Smartphone “dorme” ao lado

nhada, num bar ou restaurante, por exemplo, evita olhar para o celular. Mas pede a senha do wifi do local e, na primeira brecha,

checa as mensagens.

Para Aline, as redes sociais facilitam fazer amizades, reencontrar pessoas e ficar atualizado com o que vai pelo mundo, entre outros benefícios. “São também um meio de entretenimento.”

Aline usa o Facebook, mas sua paixão virtual é o Instagram, que oferece a opção de postagem em outras redes como Facebook, Twitter e Tumblr.

“Publico no Facebook, porque é onde está a maioria dos meus amigos.”

Ela avalia que há uma superexposição das pessoas nas redes sociais e também não faz questão

Da aldeia global de McLuhan às redes sociais digitais na internet

Nos anos 1960, o filósofo Marshall McLuhan, criou o conceito de “aldeia global”. Referia-se à televisão e aos satélites, que permitiriam uma comunicação muito ágil entre os povos.

Foi questionado, sob a tese de que a comunicação gerada pela televisão ou pelo rádio se dá de forma massiva. É um emissor para milhões de receptores. Já em uma aldeia, as informações são passadas de pessoa para pessoa.

Quando McLuhan falou em “aldeia global” não existia a internet. Havia apenas as redes de computadores militares norte-americanas.

Hoje, as ideias do “pajé da aldeia global” fazem sentido. Com a evolução dos sistemas, da internet e dos celulares, a comunicação se dá em tempo real.

E na esteira da internet vieram as redes sociais



Herbert Marshall McLuhan - (1911 - 1980)

digitais, que neste ano deverá alcançar mais de 2 bilhões de usuários, segundo Ademir C. Gabardo em seu livro “Análise de Redes Sociais - Uma Visão Computacional”.

CAPA

de ter um milhão de amigos.

Importante é o uso

As redes sociais existem desde o tempo das cavernas, quando os homens compartilhavam suas experiências do dia ao redor da fogueira. A evolução humana se deu por meio da troca de experiências, passadas boca a boca. O que se tem hoje não são redes sociais; são sites de relacionamentos digitais. A afirmação é do Community Manager (especialista em Atuação e Presença Digital) Binho Tôres.

Para ele, o importante é o uso que se faz da ferramenta. Alerta que podemos usar a rede para o bem e para o mal, assim como um martelo, com o qual pode-se construir ou destruir. “Tudo depende da intenção do usuário.”

Metainformação

O sócio-diretor da Ease Media, Thommy Lacerda Sossai, destaca que a conexão de usuários em torno de redes sociais pode levar à metainformação, que é a substituição, em grau de relevância, de um dado ou artigo crível, pela opinião de um leigo. “Para validação social entre você e o emissor, e por agrado, a fonte é ignorada e a opinião é repassada como verdade.”

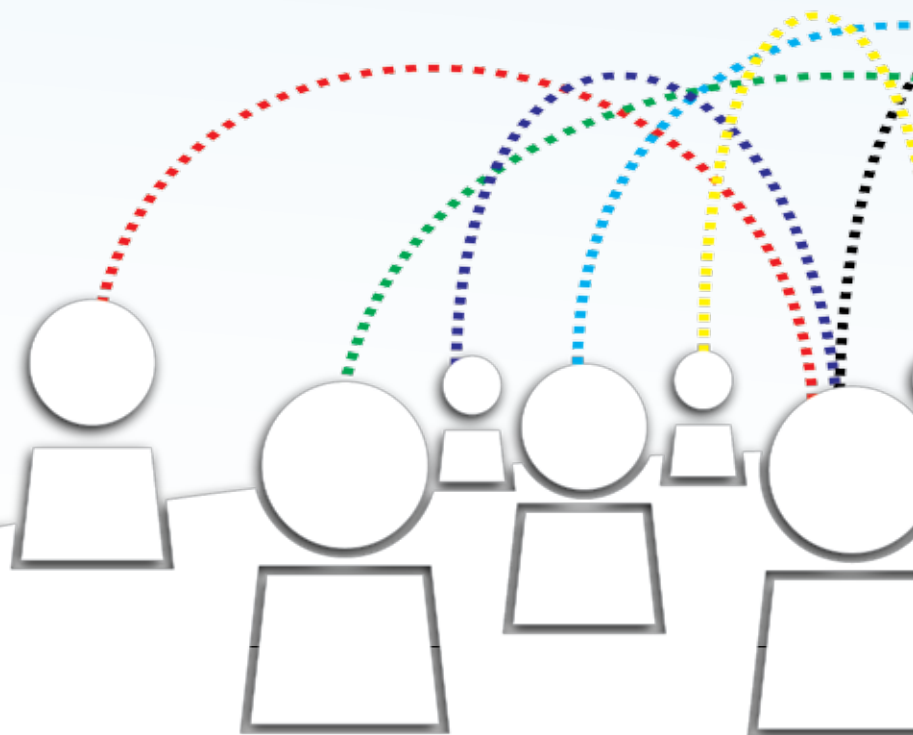
Ele observa que a velocidade da propagação da informação virou ponto qualitativo. Quanto mais rápido melhor (e quiçá mais verdadeiro). Lembra que, em tempos idos, quando as mensagens percorriam distâncias físicas, cartas eram enviadas por mensageiro que ia entre-



Velocidade da propagação da informação virou ponto qualitativo

gá-las a cavalo. Como o tempo de entrega e resposta era maior (dias ou semanas), seu conteúdo era mais direcionado no receptor, mais

verdadeiro. “Hoje, a velocidade e a mensagem instantânea tornaram-se mais importantes do que o conteúdo e as pessoas”, alinhava. ■



ANÁLISE

Apropriação do uso das tecnologias distinta e singular

Uma análise do uso de redes sociais deve ser contextualizada, pois esse fenômeno não surgiu sem um histórico ou uma utilidade. Ele ocupa um papel social. O ser humano está submerso em um sistema capitalista, científico e globalizado, cujo discurso é o consumo sem freios e sem medidas. Assim, as redes sociais também podem ser consideradas produtos desse sistema, à medida que são objetos desejados e consumidos pelos seres humanos.

As transformações advindas da revolução tecnológica/digital interagem com as pessoas e podem causar efeitos na forma como elas se comunicam e criam vínculos e laços sociais.

Ao mesmo tempo que essas mudanças podem refletir na autonomia do sujeito –, já que é lhe é dada liberdade para fazer suas escolhas, explanar suas opiniões e se relacionar com quem tiver interesse –, os laços sociais e os vínculos com os outros podem se construir de formas mais frágeis, visto que as uniões se fazem e desfazem com mais facilidade, à medida que se conecta e se desconecta das redes sociais.

Não se trata somente do que a tecnologia pode fazer pelo homem, mas do que está fazendo com o homem. A internet se



transformou numa realidade imediata e disponível 24 horas por dia. Se relacionar com o outro não depende apenas da distância, mas das redes sociais e das tecnologias de comunicação disponíveis. Algumas pessoas não sentam em lugares que não possuem wifi, por exemplo.

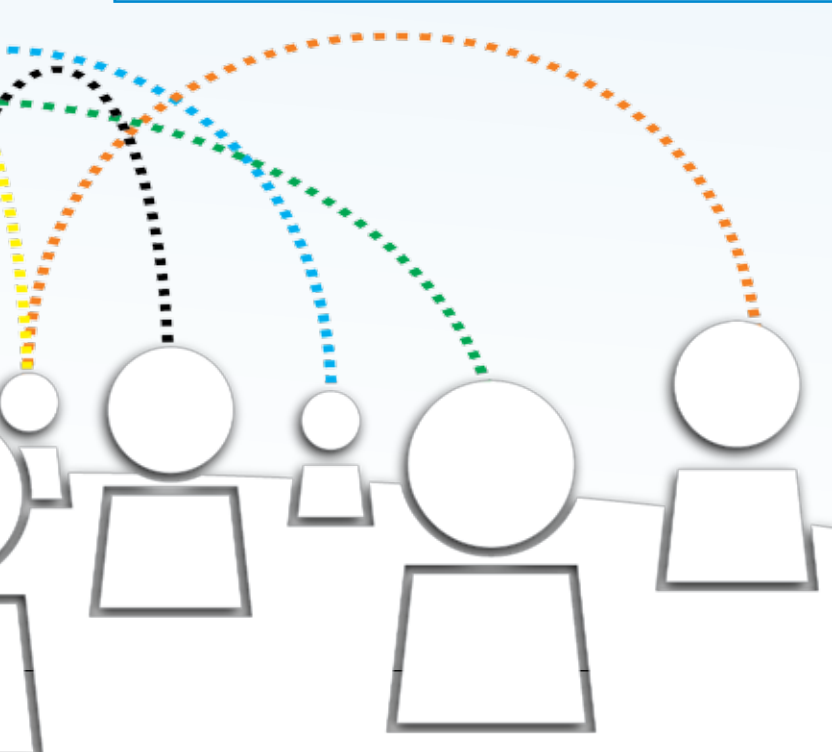
As redes sociais podem ser instigantes, pois a realidade virtual se mistura com a vida real. O ser humano pode ser ou ter o que quiser, pois é permitido mostrar apenas o que se quer. As fantasias podem ser realizadas, os personagens e as histórias podem ganhar vida, de acordo com aquilo

que as pessoas acreditam que o outro deseja ou espera delas. Muitas vezes, buscam uma admiração, um reconhecimento, para que ganhem lugar no desejo/olhar do outro. Mas essa é apenas uma das possibilidades. A necessidade do uso está colocada para cada um de forma diferente e única.

Embora todos estejam inseridos em um contexto, vivendo em uma cultura capitalista, é possível que o sujeito rompa com a massificação imposta por esse discurso e diga algo sobre ele mesmo. Por isso, analisar de forma generalizada o uso das redes sociais pode ser um caminho perigoso, que leva a um reducionismo e a uma visão simplista do ser humano e da própria questão, já que cada pessoa se apropria do uso dessas tecnologias de maneiras distintas e singulares. O que deve ser colocado em consideração é como cada pessoa utiliza os meios de comunicação, bem como a finalidade disso.

É válido fazer uma avaliação pessoal de por que e para que se expor, mostrando o que come, onde foi, o que faz ou com quem estava. Por que isso é tão necessário? Qual o papel que isso tem na vida do sujeito?

Jéssica Barcelos Ferrari, psicóloga



Rede Social	Usuários	Data da Informação	Serviço Criado
Facebook	1,35 bilhão	Setembro/2014	Fevereiro/2004
YouTube	1 bilhão	Março/2013	Maió/2005
Google +	540 milhões	Outubro/2013	Junho/2011
Instagram	300 milhões	Dezembro/2014	Outubro/2010
Twitter	284 milhões	Outubro/2014	Março/2006
LinkedIn	187 milhões	Abril/2014	Maió/2003
Pinterest	70 milhões	Julho/2014	Março/2010
Vine	40 milhões	Agosto/2013	Janeiro/2013

Fonte: "Análise de Redes Sociais – Uma Visão Computacional" – Ademir C. Gabardo

MINHA ESTANTE / João Batista Herkenhoff

Livros à mão cheia

Seus pais fundaram uma escola em Caschoeiro de Itapemirim e pode-se dizer que ele nasceu “dentro” do estabelecimento de ensino. O ambiente de estudo e o convívio com os familiares, grande parte professores, despertaram nele o hábito de leitura. Assim, desde tenra idade, livros caíram-lhe n’alma.

“Eu ia à biblioteca de meu irmão Pedrinho [falecido], professor de Matemática, e lá estava a coleção completa de Machado de Assis, escritor de estilo primoroso, dotado de uma psicologia fora do comum para penetrar na alma humana”, conta, maravilhado, João Batista Herkenhoff.

Juiz de Direito aposentado, professor também aposentado pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), escritor, palestrante, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IGHES) e colaborador semanal do jornal *A Gazeta* (escreve às quartas-feiras), ele é magistrado de renome, referência na área do Direito e reconhecido com diversas honrarias.

Em seu espaço de trabalho e estudo, livros são “o papel de parede.” “Aqui ficam mais os relacionados ao Direito. Já as obras de literatura ficam na casa de Guarapari. Não se pode parar de ler”, diz. Formou-se pela então Faculdade de Direito do Espírito Santo – a célula básica da Ufes, como faz questão de frisar – em 1958 e hoje, aos 78 anos, continua advogando. Sua verve para adentrar cada vez mais os saberes relativos à natureza humana e aos preceitos jurídicos é inesgotável.

Com 45 livros publicados, entre obras de Direito e de literatura, ele adianta que, até o fim deste ano, sairá o 46º: “*A Fé e os Direitos Humanos*”. A obra mais recente, “*Encontro do Direito com a Poesia (Crônicas e Escritos Leves)*”, traz uma das comoventes decisões por ele expedida. Trata-se do julgamento de Edna, uma mulher pobre, grávida e acusada de pequeno furto.

“Este juiz renegaria todo o seu credo, rasgaria todos os seus princípios, trairia a memória de sua Mãe, se permitisse sair Edna deste Fórum sob prisão. Saia livre, saia abençoada por Deus, saia com seu filho, traga seu filho à luz, que cada choro de uma criança que nasce é a esperança de um mundo novo, mais fraterno, mais puro, algum dia cristão. Expeça-se incontinenti o alvará de soltura.” O caso está registrado na folha 32 do Processo número 3.775, da Primeira Vara Criminal de Vila Velha.

Assim eram as suas decisões. Impregnadas de espírito humanitário, sabedoria e poesia. Longe de ater-se tão somente aos ditames da lei, seu ato de julgar considerava o indivíduo, suas circunstâncias e contexto. “O Direito é muito fundamentado na ordem. A poesia, na liberdade. No meu caso, houve um encontro com a poesia e não me deixei escravizar pela lei.” Esse *modus operandi* gerou dificuldades em sua carreira e ele chegou a ser tachado de subversivo por seus pares. De certa feita, respondeu até a processo, que correu em segredo de Justiça.

Mas vamos à estante do juiz. Leitor e escritor contumaz, ele já tem prontas as respostas quanto a suas predileções. Aprecia “*Dom Casmurro*”, de Machado de Assis, e considera que toda pessoa que pretende escrever deveria ler esse escritor. Entre autores da área do Direito, destaca Pontes de Miranda, Rui Barbosa, Machado Pauperio, Hermes Lima, Miguel Reale e Alípio Silveira. Na literatura, além de Machado de Assis, cita Ariano Suassuna, José de Alencar e Geir Campos, este último capixaba de São José do Calçado.

Fundamentos do Humanismo Jurídico no Ocidente – Antônio Carlos Wolkmer – Coordenador

A obra apresenta a concretização admirável do diálogo entre o Humanismo e o



Dora Dalmasio é jornalista

Dora Dalmasio
dalmasio.dora@gmail.com

Direito, as origens dos horizontes demarcadores do Humanismo Jurídico e o exame de algumas das obras clássicas representativas da época, compondo o acervo historiográfico da tradição do pensamento jurídico no Ocidente.

Iracema – José de Alencar

Livro também admirável, que se passa nas matas do Ceará no século XVII e fala do amor entre Iracema e Martin. Cheguei a decorar a poesia que dá início ao livro: “Verdes mares bravios de minha terra natal...”

A Era dos Direitos – Norberto Bobbio

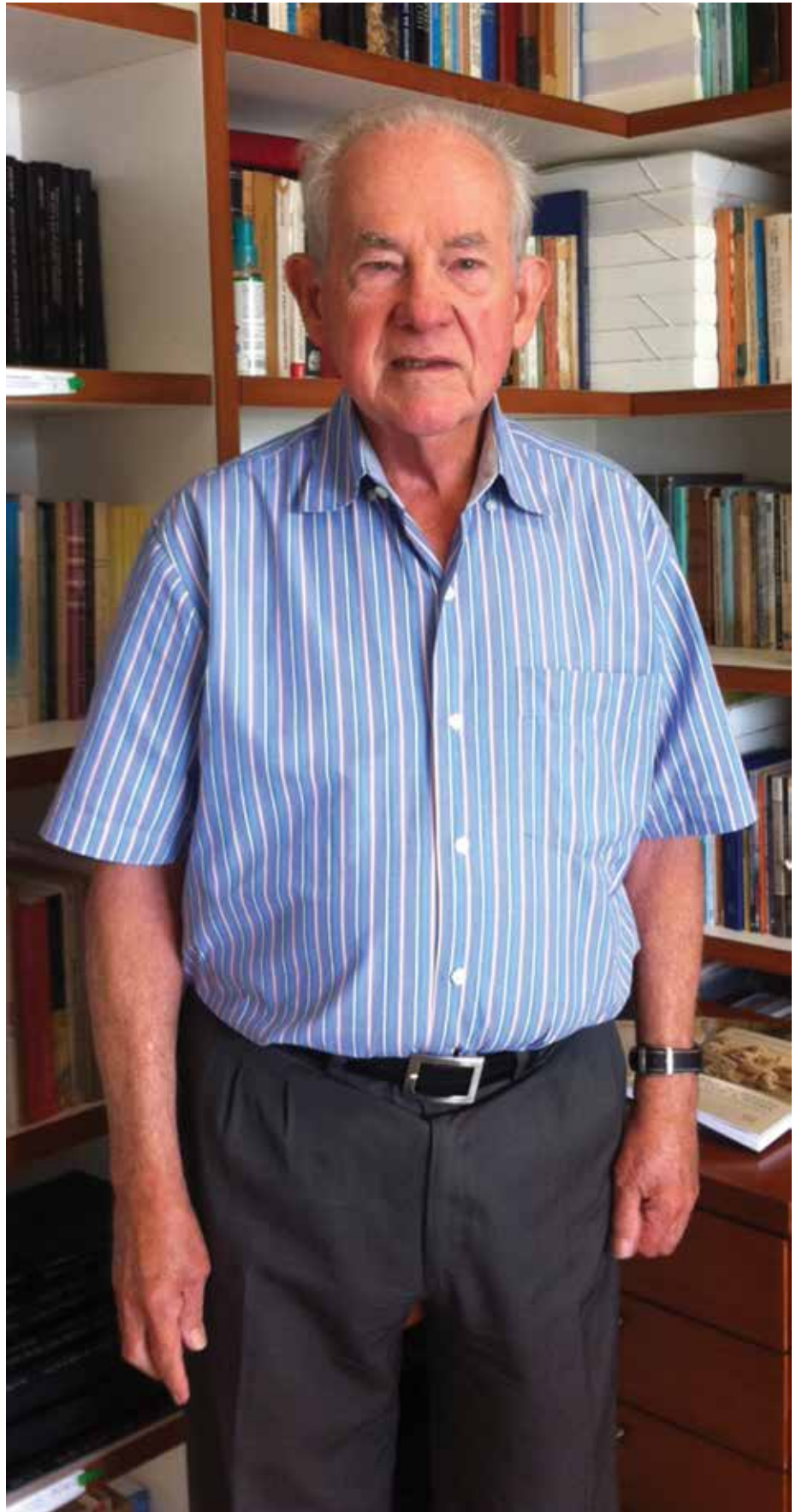
Coletânea dos mais férteis escritos do pensador italiano sobre os direitos, essa problemática crucial da história social e civil. São ensaios nascidos em comunicações em simpósios, conferências em universidades e opúsculos autônomos, que têm em comum a emergência constante e orgânica de algumas teses. Os direitos naturais são direitos históricos. Nascem no início da era moderna, justamente com a concepção individualista da sociedade e tornam-se um dos principais indicadores do progresso histórico.

“Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do vai-e-volta” – Ariano Suassuna

Livro alegórico, bem ao estilo Suassuna. O escritor raramente fala as coisas com letra aberta; quase tudo tem simbolismo. Um dos grandes livros da literatura brasileira, mistura fantasia e realidade.

Oração aos Moços – Rui Barbosa

Clássico da literatura brasileira, o famoso discurso de Rui Barbosa foi escrito para parabenizar os formandos da turma de 1920 da Faculdade de Direito de São Paulo. Todo estudante de Direito deveria, obrigatoriamente, ler esse texto. O discurso, atemporal, até hoje é fonte de reflexão. ■



ARTES PLÁSTICAS

Hélio Coelho:

compulsão pela arte



Hélio Coelho, 58 anos, é artista plástico autodidata. Não se prende à academia e tampouco segue algum movimento artístico ou modinhas. Mas é em torno de muitos movimentos que orbita a sua obra, marcada por uma produção extremamente fecunda.

Artista reconhecido em nível nacional, tem em seu currículo diversas mostras individuais e coletivas, tanto no Espírito Santo quanto em outros Estados – Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, Paraíba, São Paulo e Rio Grande do Sul –, além de premiações, cursos de especialização e trabalhos de produção audiovisual. Porque sua inquietude o conduziu para além das telas ou paredes ou qualquer outra superfície sobre a qual pudesse intervir. É também diretor de arte, ilustrador, designer e produtor gráfico e produtor audiovisual.

Garatuja

Um dos destaques da obra de Hélio Coelho são suas garatuja, nas quais nenhuma figura se repete. Inútil tentar descobrir alguma semelhança entre tais formas de expressão. Impressionam os traços pequenos, múltiplos, encadeados e enredados, além do efeito das cores. Uma pergunta é inevitável: como é possível a criação dessa arte?

“Tudo começa no momento em que, diante do suporte, me aquieto, ouço o silêncio, respiro e as coisas vêm brotando espontaneamente. E aquilo que tiver que ficar, fica! E o que tiver que sair, sai! Simples assim.”

Hélio Coelho nasceu em Itueta e depois mudou-se para Resplendor, ambas cidades mineiras. Vivia em região rural, entre vales e o Rio Doce. A natureza ao redor lhe permitia interagir com a mata, que sempre apresentava alguma surpresa. “Eu me sentia parte de tudo aquilo.”

Contemplativo, passou a observar o universo bucólico, que fazia sua imaginação voar muito mais que longe. Explorava o ambiente, coletando pedras diferentes, galhos, folhas, cipós, sementes, cascas de árvores velhas, penas e tudo o que lhe chamava a atenção.

Desenhos

Começou a desenhar nos troncos das árvores, nas folhas, nos frutos, paredes, gavetas, porta de armários. Na rua onde morava havia muita pedrasabão, que ele usava para desenhar nos muros, postes, calçadas, escadas e até mesmo no próprio corpo.

“Foi uma experiência maravilhosa, que teve um preço alto, pois sofri o primeiro bullying. Para os amigos, eu era um garoto esquisito, distante, que não combinava com brincadeiras nas ruas e quintais. Constantemente, eu era alvo de gozações de mau gosto.”

A seu favor, porém, havia um tesouro: a alfabetização precoce. Aos quatro anos de idade, com a ajuda da irmã mais velha, aprendeu a ler e tinha como inseparável uma revista de história em quadrinhos: “Zê Carioca”.

A leitura abriu uma janela para o mundo e era muito o encantamento. Lia e relia aquela revista dia após dia, até se deparar com outras edições. E os quadrinhos entraram, definitivamente, em sua vida. “Foi o caminho por onde a necessidade do desenho mostrou-me o sentido dessa atividade. Depois vieram os livros.”

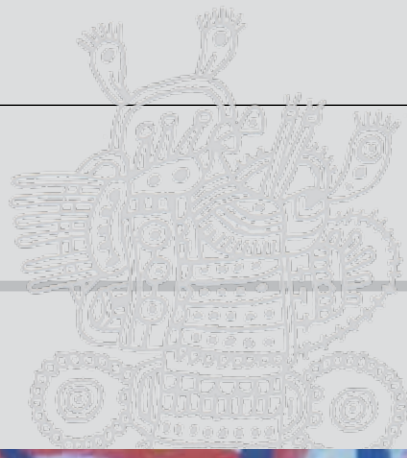
Prêmio com o 14 Bis

Hélio passou a se interessar por cursos e concursos. Por correspondência, fez o curso Desenho Artístico e Publicitário, por meio do Instituto Universal Brasileiro. O primeiro prêmio foi com a reprodução do 14 Bis em cartolina,



Dora Dalmasio é jornalista

Dora Dalmasio
dalmasio.dora@gmail.com



ARTES PLÁSTICAS



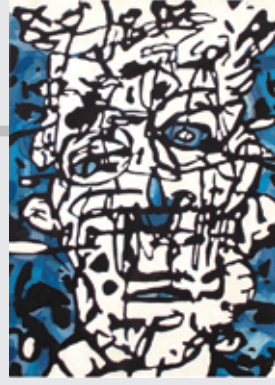
para um concurso de desenho promovido por sua escola.

Participou também de um concurso promovido pela revista "Recruta Zero", segundo o qual o leitor deveria enviar para a editora um desenho do seu herói predileto. Hélio Coelho mandou o desenho do Cavaleiro Negro, ganhou o concurso e teve o trabalho publicado, o que rendeu-lhe reconhecimento e respeito dos jovens e demais habitantes de sua cidade.

A partir desses feitos, Hélio Coelho mergulhou com mais vigor no mundo da arte. A primeira pintura foi numa pequena tela, na qual reproduziu o monte Fujiyama. Ousando, desenvolvendo e seguindo o seu pendor, começou a preencher paisagens em telas maiores. "Passei a pintar compulsivamente", revela.

Em 1977, mudou-se para o Espírito Santo, indo morar em Vila Velha. Pretendia cursar Artes Plásticas na





Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). No entanto, não se adaptou às regras da academia e frequentou, como ouvinte, algumas disciplinas de seu interesse.

Quando surgiu a Galeria Espaço Universitário, recebeu convite para lá expor seus trabalhos e, por meio dessa mostra, começou a ter contato com o métier das artes plásticas local. “Neusa Mendes me abriu as portas para a exposição Arte na Unidade e Unidade na Arte. Recebi também grande apoio de Antonio Claudino, Adelzira Madeira, Estela Denarde e Marta Baião”, lembra o artista.

Galerias e bienais

Hélio Coelho fez cursos de especialização na Ufes e em São Paulo, passando a transitar no eixo Rio-São Paulo, onde teve contato com galerias e bienais de arte. Nos anos 1980, durante o movimento “Geração 80”, conheceu

o Parque Lage, no Rio de Janeiro.

Destaca que esse foi um momento de muito impacto na sua trajetória artística. Havia muita liberdade e teve oportunidade de conhecer artistas hoje de renome mundial, como Leonilson, Adriana Varejão, Beatriz Milhazes e Daniel Senise, entre outros. “Ali, senti uma ventilação cosmopolita.”

Exposições

Seus trabalhos desfilaram por várias exposições. Em Vitória (ES), por várias vezes, na Galeria Homero Massena; na Galeria de Arte Espaço Universitário da Ufes; Galeria de Artes Santa Luzia; Casa Porto das Artes; Galeria Matias Brotas; Museu da Vale, entre outras.

Já em outros Estados, expôs no Museu Nacional de Belas Artes (RJ); Museu do Trabalho (RS); Galeria Subterrânea (RS); Estação das Artes (PA); e Dragão do Mar (CE). ■





Estado do Espírito Santo